**FRIDA E SEUS AUTORRETRATOS: IDENTIDADE FEMININA DE MUITAS CORES**

Rafael Junior do Nascimento Gomes

Graduado em letras espanhol e suas respectivas literaturas - [rafa.juniorg@gmail.com](mailto:rafa.juniorg@gmail.com)

José Gevildo Viana

Doutorando em Letras pelo PPGL\CAMEAM\UERN -[gevildo\_viana27@yahoo.com.br](mailto:gevildo_viana27@yahoo.com.br)

**Resumo**

A proposta do presente artigo é descrever/interpretar as manifestações enunciativas identitárias da pintora mexicana Frida Kahlo a partir de seus autorretratos. Nosso trabalho se vê ancorado teórico e metodologicamente nos postulados da Análise do Discurso de linha Francesa, tendo como referencia Pêcheux (1990), Baccega (2007), Fernandes (2007), Foucault (2010), Gregolin (2007), Orlandi (1995); Utilizamos também Bauman (2005) para discutir questões a cerca da identidade e como ela se constitui; por fim, utilizamos Silva (2012) e Santos (2015) a fim de discutir o feminismo, no sentido de percebermos a posição sujeito, mulher, na sociedade, considerando esse movimento de minoria. Nosso trabalho utiliza-se do método dedutivo, e se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, descritiva e interpretativa. O *corpus* para descrição e análise, se constitui enunciados, recorte – 02 autorretratos, de Frida Kahlo. Percebemos então, que os autorretratos produzem efeitos de sentidos na construção, quer de uma identidade de mulher mãe, dócil, frágil, maternal, como no autorretrato 01, quer de uma mulher empoderada, livre, revolucionária. Diante de tais resultados, concluímos que Frida enquanto sujeito do discurso, a partir de seus autorretratos, se configura como uma mulher de múltiplas identidades, conforme as condições de produção de seus autorretratos, reforçando assim, a ideia de identidade como fluidez, escorregadia, conforme as muitas cores que entrecruzam no colorir das telas.

**Palavras chave:** Discurso. Autorretrato. Enunciado. Frida Kahlo. Identidades.

**Resumen**

La propuesta del presente artículo es describir/interpretar las manifestaciones enunciativas identitárias de la pintora mexicana Frida Kahlo a partir de sus autorretratos. Nuestro trabajo verse ancorado teórico y metodológicamente en los postulados del Analice del Discurso de línea francesa, tiendo como referencia Pêcheux (1990), Baccega (2007), Fernandes (2007), Foucault (2010), Gregolin (2007), Orlandi (1995); utilizamos también Bauman (2005) para discutir cuestiones acerca de as identidad e como ella se constituye; por fin utilizamos Silva (2012) y Santos (2015) a fin de discutir el feminismo, en el sentido de percebermos la posición sujeto, mujer, en sociedad, considerando eses movimientos de minorías. Nuestro trabajo utilizase del método deductivo, y se caracteriza como una pesquisa cualitativa, descriptiva e interpretativa. El *corpus* para descripción y analices, se constituye enunciados, recortes- 02 autorretratos, de Frida Kahlo. Percibimos entonces, que los autorretratos producen efectos de sentidos en la construcción, qué de una mujer madre, dócil, frágil, maternal, como en el autorretrato 01, qué de una mujer empoderada, libre, revolucionaria. Delante de eses resultados, concluimos que Frida en cuanto sujeto del discurso, a partir de sus autorretratos, se configura como una mujer de múltiplos identidades, conforme las condiciones de producción de sus autorretratos, reforzando así, la idea de identidad con fluidez, conforme las muchas colores que entrecruzase en el colorir de sus telas.

**Palabras llaves:** Discurso. Autorretrato. Enunciado. Frida Kahlo. Identidad.

1. **Introdução**

Analisar o discurso na perspectiva da Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa é uma tarefa, que em primeiro momento, deve-se levar em consideração a historicidade existente nos enunciados. Isso por que, para a AD, os discursos ganham significados a partir da memória discursiva existente em articulação com a história, produzindo sentidos às materialidades, sempre povoadas de interdiscursos. Para o analista do discurso, toda a manifestação de linguagem, quer seja verbal, não verbal, como é o caso dos autorretratos, se constituem como enunciados possíveis de serem significados, interpretados.

Deste modo, na busca de fundamentar nossas posições teóricas, nos firmamos na AD, tendo como referência, os pressupostos teóricos de Pêcheux (1995), Foucault (2010),Orlandi (1993), Baccega (2007), Fernandes (2007), Fiorin (2007), entre outros. Referenciamo-nos também em Bauman (2005), no sentido de discutir como se constitui a identidade dos sujeitos e como esse processo de constituição identitária se transformou a partir da revolução industrial e da globalização. Já para se discutir a posição sujeito mulher, na sociedade, considerando o movimento feminista, que muito influenciou na politização e nos posicionamentos femininos nas sociedades pós-modernas, usamos Silva (2012) e Santos (2015).

Tendo como base Moresi (2016) a cerca de como se constrói o trabalho científico, nosso trabalho se caracteriza como uma pesquisa de método dedutivo, pois partimos de teorias mais gerais, aqui advindas do campo da AD, para aplicá-la num *corpus* específico, os autorretratos. Nosso trabalho se apresenta também como uma pesquisa qualitativa, pois utilizamos critérios de seleção que nos possibilita encaixar cada autorretrato em blocos identitários específicos e a partir deles construir interpretações, mobilizando saberes que os possa qualificar. Trata-se, também de um trabalho descritivo e interpretativo, por que, a partir da seleção do nosso *corpus* de análise, fizemos uma descrição dos elementos que o compõem, buscando perceber as condições de produção dos autorretratos e quais formações discursivas foram possíveis de se apreender nesse processo. A partir da descrição dos enunciados, partimos para o gesto de interpretação das materialidades discursivas existentes em cada autorretrato analisado.

Para efeitos de análise, num primeiro momento, nos detivemos em estudar quais as condições de produção dos autos retratos de Frida Kahlo, como enunciado imagético, e quais formações discursivas estão presentes nesses discursos. Num segundo momento, buscamos apreender alguns efeitos de sentidos para cada obra analisada a partir da memória discursiva, estabelecendo uma relação entre a língua e a história. Essas retomadas da história acontecem por meio dos interdiscursos que se significam e se resignificam nas materialidades enunciativas. E, por fim, identificamos quais identidades são fabricadas em cada autorretrato analisado.

1. ALGUNS CONCEITOS CHAVES DA ANÁLISE DO DISCURSO
   1. **Discurso, Efeitos de Sentidos e Formação Discursiva**

Segundo Baccega (2007) a sociedade se constitui de um número infindável de discursos que se encontram e se materializam através da linguagem. Esse processo de encontro e desencontro dos discursos provocam no sujeito, os mais variados atos discursivos, já que é no processo de uso da linguagem que os discursos se transformam e é transformado pelos sujeitos em suas emergências históricas.

Os discursos estão diretamente vinculados ao meio social no qual foram produzidos, revelando assim posicionamentos “[...] socioideologicos assumidos pelos sujeitos envolvidos”(FERNANDES, 2007, p.18), buscando sentidos a partir das formações discursivas presentes na memória das várias comunidades discursivas. Esses engendramentos acerca do discurso e de como se concebe os sentidos, surgem a partir das formações ideológicas da sociedade e das representações que o meio histórico social faz de si próprio, provocando identidades heterogêneas dos sujeitos em sua diluição no tecido discursivo. Orlandi (1999) observa que:

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, e movimento. O discurso é sim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 1999, p.15)

Para Orlandi (1999), o discurso é algo que está em constante processo transformacional. A partir do ato discursivo, percebemos que o sujeito torna-se um ser transformador da linguagem e ao mesmo tempo é transformado por ela. Essas transformações ocorrem de acordo com o período sócio histórico-político ao qual emergem determinados discursos.

Deste modo, analisar discursos consiste em interpretar o sujeito em um período histórico específico, buscando assim, os sentidos nas falas sociais dos sujeitos. O ato discursivo se dá a partir das condições de produção que o envolve. Essas condições de produção consistem em como se produz o discurso de acordo com o social, com o histórico e o ideológico dos sujeitos envolvidos na e pela trama da linguagem.

Analisar o discurso implica interpretar os efeitos de sentidos produzidos pelos sujeitos dentro de um contexto sócio–histórico no qual este está inserido. Os sujeitos dos discursos são afetados pelas ideologias que os produzem pelo fio da linguagem. O discurso se materializa enquanto linguagem verbal ou não verbal, produzindo assim os sentidos que são produzidos mediante contextos da enunciação com implicações ideológicas. As noções de ideologias ocorrem a partir das concepções de relações de poder existentes dentro da emergência dos discursos que é povoado por muitos enunciados, interdiscursos.

As formações discursivas são dependentes das formações ideológicas nas quais estão inseridas. Essas primeiras consistem, pois, no ato discursivo do que dizer e onde dizer, sob uma ótica pré-definida pelo social. Esse ato discursivo ocorre por mobilidades de várias forças que as constituem como formações discursivas, que se revelam a partir das condições de produção especifica, produzindo assim sentidos nos enunciados discursivos realizados pelo sujeito do discurso.

* 1. **Sujeito, Interdiscurso, memória discursiva e enunciado**

O sujeito do discurso só existe a partir do discurso do outro. O sujeito segundo Fernandes (2007, p. 33) “[...] deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um ‘eu’ individualizado”. O sujeito deve ser estudado dentro de um momento social e ideológico a partir de um determinado momento histórico, resgatando assim as formações discursivas presentes no contexto histórico.

O interdiscurso nada mais é que diferentes discursos presentes em um determinado discurso dito. Esses discursos podem vir de diferentes momentos históricos, de diferentes momentos sociais, entretanto, se mantém reunidos dentro das formações discursivas do sujeito do discurso. Esse entrelaçamento discursivo, segundo Gregolin (2007, p. 52) ocorre por que “o interdiscurso é uma região de encontros e de confrontos de sentido. A interpretação se alimenta [...] dessa contradição: ao mesmo tempo em que os discursos se confraternizam eles se digladiam no campo social”.

A memória discursiva consiste em uma peça fundamental pela qual o discurso se significa, pois os discursos estão sempre ligados a uma memória coletiva ao qual o sujeito está inserido. Segundo Fernandes (2007) a memória discursiva constitui-se a partir de um “corpo-sócio-histórico-cultural” (FERNANDES 2007, p. 65). Partindo dessa concepção de que consiste a memória discursiva, inferimos que os discursos materializam seus sentidos a partir dos resgates de memórias formadas dentro da memória coletiva social, buscando produzir sentidos para os enunciados formados pelos sujeitos do discurso.

Segundo Foucault (2010) os enunciados se materializam a partir da dependência que mantêm entre si. Nenhum enunciado pode se configurar como um enunciado novo, mesmo sendo um enunciado único, ele está sempre aberto a novos usos, a novas significações e ou ressignifcações. Isso por que os enunciados materializam a linguagem, seja ela verbal, seja ela não-verbal sob as condições de produção que a própria história se encarrega de fazer emergir. Essa materialização da linguagem ao formar objetos, que acontece por meio dos enunciados, se dá, porque, segundo Foucault (2010, p. 36), “[...] os enunciados, diferentes em sua forma dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto”. Ou seja, os enunciados, mesmo que sem significados iguais, se unem quando querem provocar efeitos de sentidos dentro de determinadas formações discursivas.

* 1. **O Discurso Imagético: Enunciado em Movimento**

Pêcheux (1990, p. 21) nos afirma que a “[...] língua serve para comunicar e para não comunicar”*.* Partindo dessa idéia, inferimos que a linguagem é essencialmente um produto em movimento e que se constitui na sociedade, podendo ser verbal e não verbal constituída de múltiplos discursos. Compreendendo essa noção de língua, a AD, conforme Orlandi (1995, p. 34) trabalha:

[...] não exclusivamente com o verbal (o lingüístico), pois restitui ao fato da linguagem sua complexidade e sua multiplicidade, isto é, aceita a existência de diferentes linguagens o que não ocorre com a Lingüística, que, além de reduzir fato (de linguagem) à disciplina (que trata da linguagem), reduz também a significação ao lingüístico. O importante para a AD não é só as formas abstratas, mas as formas materiais de linguagem (ORLANDI, 1995, p. 34).

A linguagem se manifesta das mais variadas maneiras, uma delas é através do uso das imagens como forma de significação também ideológica. Segundo Orlandi (1995) as formas como analisamos o texto verbal sobre o não verbal se dá através de ideologias. Essas ideologias moldam os sentidos dentro do texto, pois elas representam as visões de mundo de cada sujeito dentro de um espaço de tempo e em uma comunidade discursiva.

Orlandi (1995) em seu trabalho vem contribuir para os estudos da AD quando nos direciona caminhos para trabalhar possibilidades de análise de discurso não verbal. Para Orlandi (1995), os analistas do texto não verbal tende a analisar o discurso imagético através da textualização do objeto de análise, esse processo de textualização da imagem tende a não analisar o discurso imagético a partir das materialidades enunciativas existentes dentro do objeto analisado.

1. **IDENTIDADE NOS ESTUDOS CULTURAIS EM BAUMAM: ALGUMAS NOÇÕES INTRODUTÓRIAS**

Os estudos acerca das teorias da identidade têm sido cada vez mais colocados em pauta, isso por que nos dias atuais, os conceitos de identidade sólida, estudadas no passado, tem se tornado cada vez mais inviável, tendo em vista que a sociedade se transforma e os sujeitos que a compõem também. Esses questionamentos surgem por que os antigos pilares que sustentavam a visão social de um mundo imutável têm entrado em declínio a partir dos processos de globalização e com ele a descentralização dos sujeitos da identidade.

Com a globalização, as várias sociedades que compõem o mundo no qual vivemos, passaram a se conectar de forma mais direta e com isso se organizam de forma mais heterogênea. O contato com várias culturas, filosofias e visões sociais diferentes provocaram efeito na sociedade moderna e com ela surge um novo sujeito, o sujeito pós-moderno. Bauman (2005) vai então chamar a nova sociedade desse sujeito, em seus efeitos de atuação, como de “modernidade liquida”. Essa denominação dá-se porque o homem pós-moderno, não mais tem uma visão de mundo como algo tradicional e imutável, mas vai, na direção contrária. Bauman (2005, p. 56) nos fala que o estudo da identidade na era pós-moderna, “[...] foi um ato de libertação – libertação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas preestabelecidas e das verdades inquestionáveis”, quer dizer, os estudos sobre identidade provocaram no homem uma visão de si mesmo como um todo e como ele se insere na sociedade.

A globalização foi um marco essencial para mostrar que o Estado não mais tinha um domínio sólido e imutável sobre as sociedades que se formavam em seu interior. Esse processo de globalização teve maior força a partir da revolução industrial e de sua representatividade na construção das novas identidades que se formaram a partir dela.

Segundo Bauman (2005) “[...] as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. Isso não significa dizer que perdemos nossa identidade, apenas assumimos posicionamentos identitários diferenciados ao se adequar a situação em sentido *lato*, no qual estamos inseridos. É a partir dessa inserção social que o sujeito busca encontrar seu espaço enquanto ser de interação, por meio da linguagem, e assim deslizar-se numa incompletude de identidades possíveis e incessantes.

1. O MOVIMENTO FEMINISTANA POLITIZAÇÃO DE IDENTIDADES DA MULHER

Os movimentos feministas surgiram no século XIX e se disseminaram pelo mundo com o passar dos anos uma politização em busca de direitos, ressignificando assim o sujeito mulher. Essa proliferação dos ideais feministas ganhou força a partir da globalização e dos novos posicionamentos sociais e identitários que surgiram dela. Segundo Silva (2012) é no século XIX que:

(...) começam a surgir os primeiros movimentos organizados por mulheres que não aceitavam mais serem consideradas seres inferiores aos homens, que lutavam pela igualdade de direitos entre os dois sexos exigindo sua participação nas diversas esferas da sociedade. (SILVA, 2012, p. 32)

Segundo Silva (2012), é a partir do século XIX que começa a emergir essa busca pela igualdade social das mulheres que não mais aguentam os desmandos de uma sociedade machista e retrógrada na qual elas não possuem voz. Com a revolução industrial, as mulheres passaram a buscar sua autonomia pessoal. A geração de empregos provocada pela nova condição social do mundo despertou nas mulheres a vontade de libertar-se da visão machista de que mulher servia apenas para ser boa esposa, boa mãe e o manequim de exposição pessoal do marido, sendo muitas vezes uma vitrine das riquezas da família.

A partir desse contexto que acena para a globalização, começam a surgir as primeiras manifestações pela busca de maiores direitos femininos na sociedade, inclusive o direito ao voto. A partir de constantes lutas, as mulheres começaram a garantir alguns direitos para sua classe em detrimento de suas ações políticas. Santos (2015) no diz que:

Outras ações eram exigidas, como a permissão para mulheres casadas terem direito aos seus bens, que até então tudo o que tinham pertencia ao marido; campanha contra a Lei de doenças contagiosas, que consistia em exames feitos em mulheres com suspeita de se prostituírem; e o surgimento de obras feministas que denunciavam a repressão contra as mulheres e refletiam contra as crenças quanto ao lugar da mulher na sociedade. (SANTOS 2015, p.32)

A partir dessas lutas e conquistas apontadas por Santos (2015) as mulheres começaram a garantir seu espaço na sociedade. Inserida nessa sociedade pós – moderna e ajudando a transformar a identidade feminina, temos Simone de Beauvoir, que foi uma das grandes representantes do movimento social feminista no mundo, organizando protestos públicos que garantissem a igualdade entre os sexos.

1. FRIDA KAHLO E SEUS AUTORRETRATOS: IDENTIDADE FEMININA DE MUITAS CORES.

Nascida um pouco antes do começo da revolução mexicana, Frida Kahlo, desde muito cedo, já contrariava alguns paradigmas sociais de identidades femininas tidas como fixas, isso emergia em sua militância diária na experiência de vida. Essa vivência social experimentada pela pintora mexicana influenciou diretamente no seu processo de produção artística. As pinturas de Frida Kahlo são uma representação enunciativa de um sujeito diretamente ligado à cultura, apresentando modos de ser diversos. Essas novas identidades assumidas por Frida Kahlo dentro de sua obra a constitui como um ser fragmentado, pertencente a várias ideologias, a diferentes visões de mundo construídas mediante situações sócio-históricas e discursivas de uma época, como podemos observar na análise que se segue.

* 1. **RELAÇÃO FAMILIAR**



Figura 1 autorretrato de Frida Kahlo Mi nana y yo o Yo mamando, 1937. Fonte: Kahlo, 1999. Livro.

A figura 1 representa um dos momentos mais importantes para o fortalecimento da relação afetiva entre mãe e filho (a), a hora da amamentação. Entretanto, Frida Kahlo não dispôs desse momento com sua progenitora, pois nove meses após seu nascimento, a mãe de Frida deu à luz a Cristina, irmã mais nova de Kahlo, afastando assim Frida do seu seio materno. Essa materialidade discursiva sobre a história de vida pessoal de Frida Kahlo é retomada a partir de uma memória discursiva que nos possibilita interpretar Frida Kahlo enquanto sujeito de identidades enredadas pelos acontecimentos e relações de força externas.

Após ser retirada do ato de mamar em sua mãe, Frida Kahlo foi amamentada por uma ama de leite com a qual não mantinha nenhuma relação de proximidade afetiva. Percebemos essa falta proximidade entre Frida e sua ama de leite quando nos deparamos com a ausência de troca de olhares entre as duas. Na pintura *mi nana y yo,*a ama de leite de Frida está com o rosto coberto com uma máscara de pedra pré-colombiana sugerindo efeitos de sentido de uma deusa da maternidade das primeiras culturas do México. Há interdiscurso aqui, quando recuperamos, dessa materialidade discursiva, o discurso religioso ao nos depararmos com Frida ainda criança no colo de sua ama leite, aproximando-nos à imagem do menino Jesus no colo de Maria, assemelhando-se as madonas do marianismo renascentista. A memória discursiva ainda retoma, a fim de produção de sentidos, que a obra *mi nana y yo* uma interdiscursividade com a figura materna de Maria representada pela Pietá esculpida por Michelangelo.

Já a chuva que cai do céu em abundância e nutre a vegetação verde, conforme podemos ver no quadro é outra materialidade a ser analisada. O enunciado a partir do nosso gesto de interpretação aciona os efeitos de sentidos nos possibilitando interpretar que assim como a chuva que nutre a natureza, o leite que jorra do seio feminino traz vida e vigor a criança que precisa florescer.

Frida Kahlo, enquanto sujeito de identidade em movimento, se configura como um ser fragmentado, pertencente a várias vivencia sociais diferentes. Na figura 1 percebemos a pintora mexicana como uma mulher de mente aberta, pertencente a vários universos, porém dispersa do mundo que mais lhe parecia seu, a sua família. Essa dispersão de sua família se agrava mais com a relação que tinha com sua mãe. Frida, em seu diário pessoal, chegou a referenciar sua mãe como uma mulher fria, calculista e uma fanática religiosa.

* 1. **RELAÇÃO NACIONALIDADE**

****

Figura 2 *autorretrato con el pelo cortado, 1940.* Fonte:Kahlo, 1999.Livro.

Pintado em 1940 o *autorretrato con el pelo cortado – figura 2 -* é uma obra que Frida Kahlo produziu pouco tempo depois de ter oficializado sua separação matrimonial com seu ex-marido, Diego Rivera. Kahlo, nesse período de sua vida dedicou grande parte do seu tempo para a produção artística, isso porque a pintora mexicana se recusava a receber qualquer ajuda do seu ex-cônjuge. O divórcio, a busca de sua autonomia feminina e financeira, possibilitou condições de produção possíveis para esse autorretrato de Kahlo.

No *autorretrato con el pelo cortado,* as materialidades discursivas da obra de Kahlo nos permitem produzir efeitos de sentidos sobre o ato de negação da feminilidade proposto por Frida. Na obra, Kahlo aparece sentada em uma cadeira amarela com o cabelo cortado, percebemos isso por que seu cabelo ainda se encontra aos montes, serpenteando no chão, como se possuíssem vida própria e Frida segura uma tesoura simbolizando a concretização do seu ato de libertação da figura feminina pré definida pela sociedade.

Além do cabelo cortado, outro elemento que possibilita nossa interpretação sobre a negação da feminilidade proposta por Frida, refere-se quanto ao uso de indumentária masculina. Frida, durante esse período de sua vida, abandonou o traje *tehuana* tão adorado por Diego e típico do México e passou a vestir-se como homem. Interpretamos esse ato de assumir uma personalidade masculina como uma possibilidade de igualdade entre os gêneros, isso por que Kahlo enquanto sujeito social não se via inferior ao sexo oposto, ao contrario, desde muito nova sempre esteve a frente de movimentos sociais, revelando assim a sua multiplicidade identitária.

Conforme Bauman (2005) as identidades são formadas com o tempo, através das mutações que as sociedades sofrem em decorrência da evolução do homem. Esses questionamentos servem para que o homem enquanto sujeito discursivo reflita seus posicionamentos enquanto sujeito da identidade e detentor dos inúmeros discursos possíveis no social. Frida, a partir de seus autorretratos, se apresenta como sujeito de identidades que se configura como um ser plural, hora mulher ativista, hora esposa, hora pintora eloquente, etc. Toda essa pluralidade identitária de Frida se torna possível porque com os processos de globalização, os sujeitos da identidade se viram deslocados da sua zona de conforto, das identidades tidas como fixas pela sociedade conservadora.

1. **Conclusão**

Tendo em vista o discurso dos autorretratos de Frida como enunciado, povoados de muitos outros enunciados, se realizando como interdiscurso, mobilizando assim a memória discursiva acionada pelos enunciados materializados nos autorretratos, concluímos que Frida Kahlo, enquanto sujeito discursivo se configura como uma mulher de várias identidades, de vários pertencimentos ideológicos que se materializam na figura feminina que ela apresentava ao mundo. O pluralismo identitário assumido por Frida Kahlo se manifesta nas várias versões femininas que ela assumia: Hora esposa apaixonada, hora mulher ativista adepta do comunismo mexicano, hora mulher da família. Interpretamos esse pluralismo identitário quando percebemos a Frida Kahlo carente da figura materna na figura 1; a Frida Kahlo imponderada e matriarca na figura 2. Kahlo se tornou para o mundo uma referência feminista, isso porque ela não se deteve em seguir os padrões impostos pela sociedade da época, como concluímos ao fim de nossa análise. Todas essas identidades assumidas por Frida Kahlo nos revelam o que Bauman (2005) vem chamar de quebra de poder exercido pelo Estado que antes predeterminava como cada sujeito se encaixava no meio social.

**REFERÊNCIAS**

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi/ ZigmuntBauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso:** reflexões introdutórias/ Cleudemar Alves Fernandes. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2007. 128 p.

FOUCAULT. M. **A arqueologia do saber/** Michael Foucault; tradução de Felipe Baeta Neves . – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

KETTENMANN.A. **Frida Kahlo 1907-1954:** Dolor y pasión. TASCHEN. Koln. Germany. 1999.

MORESI, E. **Metodologia da pesquisa.** Disponivel em: [www.inf.ufes.br/~falbo/files/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf Acesso em 03/05/16](http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf%20Acesso%20em%2003/05/16).

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso- princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio.** No movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_\_. **"Efeitos do verbal sobre o não-verbal**", Encontro Internacional da interação entre linguagem verbal e não-verbal", Brasília, março 1995.

PÊCHEUX, M. **Delimitações inversões, deslocamentos**. Trad. José H. Nunes. In: Cadernos de Estudos lingüísticos, 19. IEL, Unicamp, 1990.

SANTOS, F. R. S. **Morte e transformação**: a expressão do duplo em protagonistas femininas em contos brasileiros e estadunidenses. – Pau dos Ferros, RN, 2015 (Dissertação de Mestrado).

SILVA, S. A. **O Discurso publicitário e a imagem feminina do dia internacional da mulher**. – Pau dos Ferros, RN, 2012 (Dissertação de Mestrado).

SOUZA, T. C. C. de. **Discurso e Imagem:** perspectivas de análise do não verbal. In: Ciberlegenda, n. 1, 1998. Disponívelem<http://www.uff.br/mestcii/tania.htm> acessado em 06 de dezembro de 2008.